

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL PARA JOVENS E ADULTOS: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO ENSINO PROEJA

Silvana Duarte Veiga ¹
Cristiane Ludwig Araújo ²
Mairon Melo Machado ³

RESUMO

O presente relato é oriundo do estágio curricular supervisionado II, realizado no Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), campus São Borja, Rio Grande do Sul, em uma turma do terceiro ano do curso de Gastronomia no âmbito do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Dados coletados na plataforma Nilo Peçanha (PNP) apontam novos desafios que a instituição vem enfrentando por conta da diminuição das taxas de inscrições. Fatores como desconhecimento da oferta do curso, dificuldade de conciliar estudo e trabalho, a locomoção dos estudantes até a instituição justificam este cenário. A experiência proporcionou a reflexão sobre a prática docente, especialmente nas aulas de Física, considerando as faltas recorrentes, causadas quase exclusivamente por questões socioeconômicas e de transporte. Essas ausências, por um lado, impactaram o andamento das aulas, havendo necessidades de retomadas de conteúdo e ocasionando desinteresse por parte de quem já havia participado anteriormente. Por outro lado, o pequeno número de alunas favoreceu o diálogo, a escuta atenta e o acompanhamento individualizado, possibilitando uma prática alinhada à concepção de educação defendida por Paulo Freire, fundamentada no diálogo e na construção coletiva do conhecimento. As alunas demonstraram dedicação e participação ativa. Mesmo diante de um cenário limitado, que acabou influenciando o desenvolvimento das atividades, ocorreu mútuo aprendizado. Diante dos desafios, foram adotadas estratégias metodológicas como uso de exemplos novos e contextualizados na retomada de conteúdos, bem como a valorização das estudantes sendo colaboradoras no processo de aprendizagem, e a oferta de aulas extras, respeitando o ritmo individual e da turma. A experiência evidenciou a importância de relacionar os conteúdos de Física ao cotidiano, especialmente aos materiais elétricos utilizados no dia a dia, já que se trata de um curso técnico em gastronomia, favorecendo, assim, uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: PROEJA, Estágio, Evasão e flexibilização.

INTRODUÇÃO

1Graduando do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal Farroupilha - campus São Borja, Silvana.2022011185@aluno.iffar.edu.br;

2Docente no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Borja/RS. Doutora em Educação (UFMS). cristiane.ludwig@iffarroupilha.edu.br;

3Docente no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Borja. Doutor em ciências (UFRGS). Mairon.machado@iffarroupilha.edu.br



A educação de jovens e adultos no Brasil é uma estratégia muito importante na inclusão social e na formação cidadã. O programa nacional de integração da educação profissional com a educação de jovens e adultos (proeja), do Instituto federal farroupilha (IFFAR) campus São Borja vem enfrentando um desafio significativamente grande para a instituição, pois ao longo dos anos a taxa de inscrições para a modalidade, demonstra uma queda significativamente grande. Ao analisar a Plataforma Nilo Peçanha (PNP), podemos perceber como as inscrições decaíram, isso se dá por diversos fatores, como o desconhecimento do ensino PROEJA ofertado pela instituição, dificuldades de conciliar estudo e trabalho, a dificuldade de locomoção até a instituição. Dessa forma, a concepção dos diversos programas de especialização criados nos pólos distribuídos em todo o país fundamentou-se nos seguintes pressupostos (Brasil, 2006):

- a) a necessidade da formação de um novo profissional que possa atuar na educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio na modalidade EJA como docente-pesquisador, gestor educacional de programas e projetos e formulador e executor de políticas públicas;
- b) a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, a qual contribui para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional dos sujeitos que atuam nessa esfera educativa, sustentando-se nos princípios da interdisciplinaridade, contextualização e flexibilidade, como exigência historicamente construída pela sociedade;
- c) espaço para que os cursistas possam compreender e aprender uns com os outros, em fértil atividade cognitiva, afetiva, emocional, contribuindo para a problematização e a produção do ato educativo numa perspectiva sensível, com a qual a formação continuada de professores nesse campo precisa lidar.

Segundo Cavalcante (2010), a ineficácia do ensino público deriva em baixa capacidade dos trabalhadores brasileiros de leitura crítica e de cidadania, sobretudo entre aqueles pertencentes às famílias de baixa renda, em lugares, estados e regiões onde as desigualdades sociais são mais acirradas. Tais condições produzem consequências acumuladas em várias gerações de trabalhadores, prejudicados em termos de educação e de leitura crítica da sociedade, que inviabilizam a mobilidade social individual, familiar e quiçá a transformação social mais ampla desejada por uma grande maioria de brasileiros.

Além disso, a modalidade Proeja, que integra o ensino médio com formação técnica para jovens e adultos acima de 18 anos, exige maior divulgação, e uma adequação às necessidades dos potenciais alunos, para garantir uma maior adesão e permanência no curso. Essa situação impacta diretamente o fortalecimento da educação profissionalizante regional e a inclusão educacional de jovens e adultos que ainda não concluíram o ensino médio.



Ao iniciar o estágio curricular supervisionado II, a presença de somente 3 alunas em uma turma de terceiro ano do PROEJA me chamou bastante atenção. Durante todo o meu estágio aquela situação me fez refletir bastante sobre as aulas, minha formação, quais seriam os possíveis benefícios e malefícios de se ter apenas três alunas em sala de aula, num momento tão importante da minha trajetória acadêmica que é a experiência do estágio.

A maior dificuldade enfrentada acabou sendo as faltas durante as aulas. A disciplina de Física era toda segunda-feira nos dois primeiros períodos. Nas três primeiras semanas houve uma recorrência bastante significativa de faltas, mas em nenhum momento as três não compareceram, fato que vejo como algo positivo, pois assim sabia que elas estavam gostando das aulas e mesmo quando não compareciam, justificaram suas faltas.

As justificativas delas eram bastante diversas entre problemas socioeconômicos e de locomoção, visando à distância de suas casas até a instituição já que o clima na cidade é bastante instável e elas dependiam de transporte público, em vista que suas casas eram longe dos pontos de ônibus.

Como futura profissional de educação, a experiência recente me gerou uma importante reflexão sobre os desafios da prática docente. Ainda que a oportunidade de ministrar aulas para um grupo reduzido de três alunas, tenha sido imensamente valiosa, com alunas muito dedicadas que respondiam e faziam perguntas sem serem ao menos questionadas antes, realizando as atividades, demonstrando que houve compreensão do que estava sendo trabalhado, e quando não compreendiam não ficavam com dúvidas, elas levantavam a mão e faziam perguntas e debatiam sobre, até entenderem de fato sobre o que se tratava. Turmas menores facilitam o diálogo, permitindo uma relação mais próxima, personalizada e crítica, fortalecendo a construção coletiva do saber e a consciência crítica dos alunos. Freire afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1983, p. 36). A Pedagogia da Autonomia e a Pedagogia do Oprimido de Freire defendem a educação como um ato de diálogo e comunhão. Turmas menores facilitam a concretização desse diálogo, permitindo que o professor atue como mediador, e não como mero “depositário” de conteúdo. O número reduzido de alunas facilitou a personalização das atividades para que todas aprendessem superando seus limites.

Conforme preconizam os autores como Pimenta e Lima, o estágio é essencial para a articulação teoria-prática e para o desenvolvimento da identidade profissional. Nesse sentido, a ausência de um número maior de alunos privou-me da oportunidade de me desafiar integralmente nas complexibilidades de gerenciar e engajar uma turma dissemelhante, que é uma realidade comum das escolas públicas.



Por natureza a EJA possui uma leveza própria do ensino, pois atende sujeitos que realmente estão interessados em romper a exclusão educacional e conquistar o diploma, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB, Art. 37. Contudo, a permanência desses estudantes é dificultada por diversos fatores sociais e econômicos: a jornada dupla de trabalho e estudo, o desgaste físico e mental em permanecer longas horas na escola. A presença de apenas uma ou duas alunas, conforme ocorreu em muitos encontros, limitou a profundidade do diálogo e o engajamento esperado. Quando as alunas presentes apresentaram opiniões divergentes foi possível estabelecer um debate bastante produtivo. No entanto, a coincidência de pensamentos resultava na ausência de divergência, consequentemente em discussões limitadas, com isso aconteciam as conclusões prematuras das aulas. Dois períodos curriculares acabavam sendo encerrados em um período e meio, uma das estratégias tomadas para quando as aulas acabassem antes do desejado foi sempre uma lista de questões para resolvermos juntas.

O resultado mais notório foi a necessidade constante de retomar o conteúdo para as alunas ausentes, o que gerou um ciclo de repetição e um impacto direto na progressão do planejamento. Por exemplo, o tópico de Resistência e Resistividade, Potência Elétrica, planejada inicialmente para dois períodos acabou se estendendo por cinco, dada a necessidade de múltiplas retomadas. Essa repetição gerou um desafio adicional, a desmotivação da aluna presente na primeira exposição, que não se sentia mais engajada a contribuir nas discussões subsequentes. Para contornar isso, busquei alternativas metodológicas que se concentraram em buscar a participação da aluna por meio da relembração ativa, trazendo exemplos práticos e diferentes dos já trabalhado na aula original. Tal estratégia auxiliava a reavivar o conteúdo e o posicionamento da aluna não como ouvinte mas como auxiliar na mediação para as demais colegas.

METODOLOGIA

A retomada constante evidenciou a complexidade do replanejamento, inicialmente na primeira retomada não houve alteração metodológica. Ao perceber o impacto negativo busquei implementar estratégias de flexibilização :

- Aulas extras agendadas: Quando apenas uma aluna se fazia ausente na aula, agendamos um horário particular para cobrir o conteúdo. Essa ação ajudou para que a aluna não ficasse para trás no conteúdo e garantir que o próximo encontro pudessemos dar seguimento no planejado.
- Adaptação de ritmo: Quando havia apenas uma aluna na aula principal, as atividades



de resolução de exercícios eram por vezes postergadas para o encontro seguinte, garantindo assim que o tempo fosse dedicado à explanação do conteúdo em si, dúvidas e discussões sobre os temas trabalhados, buscando questionar sobre matérias de cozinha que tinham haver com nossa aula. Para exemplificar o conteúdo de Potência elétrica, perguntei se elas sabiam diferenciar objetos industriais e residenciais, tais como; uma forno elétrico convencional e um industrial o que eles tinham de diferente, a aluna respondeu o tamanho, a potência é diferente o industrial é mais potente porque foi feito para empresas, podendo assar vários alimentos ao mesmo tempo e o convencional de casa não. Assim conseguimos conversar sobre como as práticas desenvolvidas nas aulas de cozinha estão próximas dos conteúdos de Física.

Os autores Gouveia e Silva nos dizem que o professor de ciências precisa adquirir a consciência de que somente transmitir o conhecimento científico sem uma perspectiva crítica de currículo não é suficiente. Deve-se perceber o currículo como política social (Lopes, 2002) e principalmente tentar decifrar os discursos que estão embutidos por trás deste. São esses discursos que de alguma forma vão impregnar o planejamento e a prática de modo a formar indivíduo em um perfil de subserviência sem que haja nenhum questionamento quanto a isso. Ao realizar a sua prática profissional sem se dar conta desta realidade o professor acaba por contribuir para a legitimação das diferenças e a perpetuação da estrutura social vigente.

Sabemos que a evasão é um problema bastante complexo e amplo, que exige uma dedicação mútua entre escolas e projetos políticos, pois mesmo tendo uma lei vigente que assegura os direitos dos estudantes, as coisas não correm como deveriam. Essas pequenas problemáticas não afetaram nossos momentos de encontros juntas, pois um dos grandes receios quando iniciei o estágio de observação eram os questionamentos que elas apresentavam me questionando sobre as contas, que elas tinham dificuldades e não gostavam de fazer cálculos. Durante os planejamentos junto com meu orientador ele passou que deveria trabalhar cálculos de acordo com o nível de entendimento delas. No desenvolvimento das atividades me surpreendi muito, os conhecimentos delas eram muito vastos, elas sabiam como as coisas funcionavam e para que aquilo servia mas tinham muitas dificuldades de fazer a conexão com a Física, exemplo: Elas sabiam que um forno industrial é melhor que um convencional porque é mais potente, assa os alimentos mais rápido, quando perguntadas se elas sabiam o que era potência elas falaram que era a rapidez com que o forno esquenta. Mas quando perguntadas se elas sabiam o que era potência na disciplina de Física elas não sabiam responder. Então começamos a associar o conteúdo com os materiais elétricos da cozinha que elas utilizavam diariamente em casa ou nas aulas de gastronomia, quando fomos realizar as



atividades com cálculos até elas se surpreenderam, pois realizaram praticamente todos os exercícios sem ajuda, o que é muito bom. Isso evidencia que elas têm os conhecimentos prévios dos conteúdos pois elas sabem na prática aquilo que está sendo estudado, só precisam organizar seus conhecimentos e fazer as conexões com a realidade do dia a dia delas. Durante essas atividades pude vivenciar um mútuo aprendizado, consegui perceber que elas aprendiam muito nas aulas com nossas conversas. Quando elas resolviam as questões sem pedir ajuda, através das participações e das avaliações, percebi também que eu havia aprendido muito pois sempre tinha duas aulas para um único dia, não sabia se todas estavam na aula ou naquele dia seria uma ou então duas alunas presentes. Diante disso, busquei estar preparada para dar o melhor.

Moreira seleta que a aprendizagem significativa caracteriza-se, pois, “por uma interação (não uma simples associação), entre aspectos específicos e relevantes da estrutura cognitiva e as novas informações, pelos quais estas adquirem significado e são integradas à estrutura cognitiva de maneira não arbitrária e não literal, contribuindo para a diferenciação, elaboração e estabilidade dos subsunçores preexistentes e, conseqüentemente, da própria estrutura cognitiva.” (Moreira, 2006. p.16)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este contexto me levou a investigar os motivos mais comuns do porque havia diminuído muito os alunos nas turmas de proeja, pois a busca pelo curso técnico em gastronomia subsequente tem uma procura bastante significativa comparando com o ensino da proeja. Tal como resultado encontrado na Plataforma Nilo Peçanha (PNP), os números mostram quando o curso iniciou havia muito mais inscritos do que os anos atuais, vejamos abaixo a tabela com os números de inscritos entre os anos de 2017 a 2024 no curso técnico em cozinha como era conhecido até o ano de 2022, já que, após esse período, passou a se chamar curso técnico em gastronomia. A pesquisa na plataforma utiliza-se das seguintes sequências: acesso a plataforma, após abrir o acesso temos a opção dados de ensino onde abre uma série história sobre todas as instituições federais do Brasil, logo após curso, matrícula e ofertas, em seleção múltiplas colocamos as seguintes informações; Instituição, Município, tipo de curso, nome do curso, tipo de oferta, modalidade de ensino. No canto superior direito podemos escolher o ano base que vai de 2017 a 2024, para escolher a instituição vamos até IFFarroupilha - campus São Borja – técnico em cozinha/ gastronomia – Proeja integrado após



isso teremos as informações tabeladas abaixo:

Tabela 1 – Formato para subtítulos e legendas.

Ano base/ Edição	Matriculados	Vagas	Inscritos	Ingressantes	Concluintes
2017/2018	68	35	60	34	—
2018/2019	100	35	48	33	2
2019/2020	75	35	57	25	19
2020/2021	77	35	62	33	—
2021/2022	67	16	42	15	6
2022/2023	83	30	32	25	9
2023/2024	87	30	34	28	—
2024/2025	17	—	—	—	3

Fonte: [Dados da pesquisa 2025](#)

Diante desses dados podemos analisar que o número de matriculados variou de 67 (2021/2022) a 100 (2018/2019), terminando com 87 na edição (2023/2024). O número de vagas foi bastante estável em 35 nos primeiros anos, teve uma queda significativa para 16 em 2021/2022 e depois se estabilizou em 30 nas últimas edições. A relação entre Inscritos e Vagas mostra a demanda pelo curso. Por exemplo, em 2020/2021, houve 62 inscritos para 35 vagas. Há a presença de traços (—) em alguns anos 2017/2018, 2020/2021, 2023/2024, indicando que os dados podem estar indisponíveis ou que o ciclo de conclusão não se fechou totalmente para essas edições na data do registro. O ano com o maior número de concluintes foi 2019/2020, com 19. A última linha é um registro parcial com 17, Matriculados e 3 Concluintes, mas os campos Vagas, Inscritos e Ingressantes estão com traço, pois não há registros na plataforma. Como o curso tem validade de três anos, podemos ver que de uma turma de 28 alunos ingressantes houve uma taxa de desistência bastante significativa. Esta turma teve uma desistência de 25 alunos que equivale a 89,3% o que é bastante preocupante, podemos relacionar esta alta taxa com vários problemas, temos os dados antes, durante e pós pandemia o que nos mostram que antes da pandemia de covid-19, houve uma demanda relativamente estável, com uma média de 55 a 60 inscritos por edição, no ano de 2019/2020 com 19 concluintes o maior número da série histórica.

Considerando o ciclo médio de curso de três anos, este pico provavelmente representa a formatura da coorte que ingressou em 2017, indicando que o programa funcionava com



sucesso antes da interrupção causada pela pandemia. Durante o início da pandemia teve-se um efeito atípico na demanda, pois o número de inscritos aumentou para 62, superando o período pré-epidêmico. Podemos atribuir este fato a busca por qualificação ou revalidação de planos de carreira já que o tempo era de isolamento. Talvez este fato impulsionou o interesse em programas educacionais, mesmo que de modo remoto. Mas podemos ver que este pico de interesse não durou muito tempo, pois já na edição seguinte podemos observar as taxas de conclusão dos 33 alunos que ingressaram em 2018/2019: somente 6 concluíram o ensino em 2021/2022.

Fica evidente que o ensino remoto emergencial e as dificuldades psicossociais do período causaram um colapso na retenção e conclusão dos alunos, resultando em uma queda drástica na entrega de formandos no ano mais crítico da pandemia. Na fase de estabilização (Pós-pandemia), o programa não conseguiu reverter a baixa demanda, registrando os menores números de inscritos da série histórica, os anos entre 2022/2023 e 2023/2024, o número de inscritos variou de 32 e 34, sugerindo uma perda muito grande do público alvo após a pandemia. Em 2022/2023 apenas 9 alunos concluíram, a turma de terceiro ano na qual eu ministrei aula ingressou no ano de 2023 com um total de aproximadamente 25 ingressantes durante esse período de três anos do ensino médio, 22 alunos desistiram e apenas 03 concluíram o ensino médio integrado indicando que o programa começou a absorver os atrasos acumulados pela pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os desafios de permanência dos alunos estão relacionados a vários fatores, como o desconhecimento do programa, as dificuldades de conciliação entre trabalho e estudo, problemas de locomoção e que acabam gerando problemas, os quais impactam diretamente a frequência e a permanência destes alunos. O estágio supervisionado II, com uma turma pequena evidenciou muitas dificuldades em dar continuidade nos conteúdos, pois as faltas frequentes acabaram gerando uma barreira. A experiência com a turma menor proporcionou uma pedagogia dialógica e personalizada, facilitando a construção coletiva e individual do saber, pois acaba se tornando mais fácil realizar observações e identificar as dificuldades de cada aluno e qual a estratégia que se adequaria às necessidades de cada aluno. A evasão é um problema bastante complexo e amplo que exige muito mais do que ajustes metodológicos nas salas de aulas. É de grande importância que projetos políticos busquem rever as situações desta modalidade de ensino que possui suma importância para aqueles que



não conseguiram concluir o ensino médio e realizar cursos técnicos de profissionalização, sendo muito importante na inclusão educacional. Todavia, o futuro do PROEJA do Instituto Federal Farroupilha - campus São Borja necessita de esforço institucional e político-pedagógico de coordenadores que vá além dos muros da sala de aula, garantindo o direito à educação profissional. O conhecimento científico, quando sem uma perspectiva crítica do currículo torna-se insuficiente, devemos flexibilizar e ter um olhar mais atento para engajar esses alunos tanto academicamente quanto socialmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 5 mar. 2026.

BRASIL. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. PROEJA: Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - Documento Base. Brasília: MEC/SETEC, 2006.

CAVALCANTE, Aparecida Geralda Silva. A evasão escolar nas salas de aulas do proeja-sesi: estudo de caso em juazeiro do norte-ceará: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”, 4., 2010, São Cristóvão. *Anais*.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALVÃO, A. M. O.; DI PIERRO, M. C. Preconceito contra o analfabeto. São Paulo: Cortez, 2007. GATTI, B.

A. Formação de professores: Condições e problemas atuais. *Revista Internacional de Formação de Professores*, Itapetininga, v. 1, n.2, 2016.

MOREIRA, Marco Antonio. *A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula*.

Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA *Propostas Gerais para Elaboração de Projetos Pedagógicos de Curso de Especialização*. Brasília: MEC/mimeo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A nova direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In. SILVA, T.T. e GENTILI, P.A.A. *Neoliberalismo, qualidade total e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 11-29.

